

SOBRE A PESQUISA FUNDAMENTADA NA FENOMENOLOGIA

Paulo Isamo Hiratsuka – Depto de Matemática da FEIS-UNESP

Resumo

Nesse texto discuto questões pertinentes à pesquisas que se fundamentam na Fenomenologia. A discussão que efetuo me é possibilitada pela minha vivência ao desenvolver uma pesquisa que exigiu uma busca de compreensão da pesquisa fenomenológica.

Abstract

In this text I discuss some questions originated in researches that are based on the phenomenological approach. The discussion turned to be possible thanks to my experience in developing a research that demanded a search for the comprehension of the phenomenological research.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é fazer uma discussão de certas questões que comumente permeiam o campo de pesquisas que se “utilizam” ou se “fundamentam” na Fenomenologia. O exposto nesse texto é derivado da minha “vivência” no doutorado, na qual realizei uma pesquisa fundamentada na Fenomenologia. Essa minha vivência é que me permite encontrar um sentido para a pesquisa fenomenológica, já que: *é em nós mesmos que encontramos a unidade da fenomenologia e seu verdadeiro sentido ... unidade encontrada ao articular deliberadamente os famosos temas fenomenológicos como eles se articulam espontaneamente na vida* [Merleau-Ponty, 1996, p.2]

Essa vivência me possibilita tratar das seguintes questões:

- Qual o significado de livre de pressupostos ?
- Em que consiste a intuição da essência do fenômeno interrogado ?
- A pesquisa fenomenológica é rigorosa ?
- O que significa *pesquisa fundamentada na Fenomenologia* ?

A PESQUISA REALIZADA

No desenvolvimento de minhas atividades como docente da UNESP, em especial nas minhas inserções em programas de formação continuada de professores dos ensinos Fundamental e Médio, fui conduzido a interrogar a mudança da prática de ensino do professor de Matemática. Ao conviver com professores de Matemática, deparei-me com alguns, não poucos, que questionavam a forma como ensinavam. Eles estavam insatisfeitos com as suas práticas de ensino que não despertavam o interesse dos alunos e não conduziam ao aprendizado do conteúdo.

Esses professores almejavam a mudança de suas práticas de ensino, as quais eram realizadas no âmbito do paradigma tradicional de ensino de matemática. O desejo de ajudar a esses professores levou-me a interrogação da pesquisa.

Num primeiro momento buscava respostas objetivas a questão de *como* mudar essa prática de ensino, porém, ao cursar o doutorado em Educação Matemática em Rio Claro, ao participar de atividades acadêmicas diversas e em função de leituras e conversas com colegas e orientadora, a interrogação, da pesquisa, que me acompanhava foi se mostrando de maneira clara.

Percebi que a questão desses professores não era a simples mudança de prática em um modelo, mas sim o questionamento do próprio modelo. Esses professores questionavam o

ensino tradicional de Matemática, isto é, o modelo em que eles foram ensinados e que reproduziam em suas atividades didáticas.

Compreendi que para ajudar a esses professores eu deveria, primeiramente, explicitar para mim mesmo o que é essa mudança. Ao atentar, então, para essa questão da mudança, percebi que alguns professores manifestavam, de uma forma ou outra, que mudaram sua prática de ensino e que, portanto, tinham vivido intencionalmente a experiência dessa mudança.. Finalmente, entendi que a compreensão dessa vivência seria fundamental para a minha questão da mudança, do como mudar. Minha inquietação demorava-se na questão de como o professor vive a experiência da mudança da prática de ensino de Matemática. Passei, desse modo, a olhar atentivamente para a vivência dessa experiência, que passou a se constituir num fenômeno a ser desvelado.

Fui conduzido, então, a interrogação: *O que é isto: viver uma experiência de mudança da prática de ensino de Matemática ?*

A forma de colocá-la já indicava o meu envolvimento com a Fenomenologia. A formulação dada foi fruto de minha opção por uma pesquisa qualitativa fundamentada na Fenomenologia, pois minha preocupação consistia em desvelar o fenômeno **da vivência da experiência da mudança da prática de ensino de Matemática** e essa opção de pesquisa se mostrava adequada para isto, já que a Fenomenologia:

Como método de investigação, fundamenta procedimentos rigorosos de pesquisa, mostrando de que maneira tomar educação como fenômeno e chegar aos seus invariantes ou característicos essenciais para que as interpretações possam ser construídas, esclarecendo o investigado e abrindo possibilidades de intervenção no campo da política educacional e da prática pedagógica....

A fenomenologia se mostra apropriada à educação, pois ela não traz consigo a imposição de uma verdade teórica ou ideológica preestabelecida, mas trabalha no real vivido, buscando a compreensão disso que somos e que fazemos – cada um de nós e todos em conjunto. Buscando o sentido e o significado mundano das teorias e das ideologias e das expressões culturais e históricas. (Bicudo, 1999, pp. 12-13)

Nessa investigação entrevistei professores que, no meu entender, haviam vivenciado a experiência da mudança da prática de ensino de Matemática. Seus depoimentos sobre essa vivência passaram a ser os dados da pesquisa. Debruçado sobre esses dados, e a luz da interrogação, realizei as análises ideográficas e nomotéticas, sendo conduzido a construção das seguintes categorias abertas:

- 1- *O tempo vivido na experiência de mudança: a manifestação do elo passado-presente-futuro.*
- 2- *Vivência da contradição do esperado e do encontrado: da admiração à resolução de mudar, reveladora da presença do futuro.*
- 3- *Vivência da relação Eu/Outro: do Indivíduo Simples ao Indivíduo Existencial.*
- 4- *O professor preocupado com o aluno: a presença do educador e do poeta.*
- 5- *A escolha pela mudança: a decisão tomada por homens livres.*
- 6- *Possibilidades da vivência da experiência: soltura das amarras com o passado e um olhar objetivo na mudança.*

Não é objetivo do presente trabalho a discussão e interpretação dessas categorias, que poderão ser encontradas em Hiratsuka [2003], mas, sim, a discussão de alguns aspectos da pesquisa fenomenológica que considero relevantes e que foram objetos de reflexão durante a realização da minha pesquisa. No desenvolvimento dessa discussão buscarei tratar das questões listadas na introdução.

UMA ARTICULAÇÃO DE ALGUNS TEMAS FENOMENOLÓGICOS

A Fenomenologia nasce a partir do desejo de Husserl em dar uma consistência científica à Filosofia e, conseqüentemente, uma fundamentação rigorosa às demais Ciências. Aspirava, com isso, que a Filosofia e as Ciências proporcionassem uma cultura que fosse como uma luz a guiar o caminho da humanidade.

Esse desejo é devido ao *problema do século*, a crise na Filosofia e nas Ciências humanas, que se evidencia a partir de 1900, com seus reflexos nas demais Ciências e que se anuncia como o fim da Filosofia. A supremacia da concepção empirista nas Ciências, inclusive nas humanas, a qual coloca o primado do conhecimento na experiência, nos fatos em si, impossibilita o conhecimento do sentido mesmo dos fatos e, portanto, abala os objetivos próprios das Ciências do homem e torna sem finalidade a Filosofia.

Tanto as ciências do homem (Psicologia, Sociologia, História) quanto a Filosofia, encontravam-se numa situação de crise. A medida que se desenvolviam as pesquisas psicológicas, sociológicas, históricas, tendiam a nos apresentar todo pensamento, toda a opinião e, em particular, toda Filosofia, como o resultado da ação combinada das condições psicológicas, sociais, históricas exteriores [Merleau-Ponty, 1973, p.15].

A supremacia da concepção empirista nas Ciências, inclusive nas humanas, a qual coloca o primado do conhecimento na experiência, nos fatos em si, impossibilita o conhecimento do sentido mesmo dos fatos e, portanto, abala os objetivos próprios das Ciências do homem e torna sem finalidade a Filosofia, já que:

A Psicologia tendia para o que Husserl denomina psicologismo, a Sociologia para o sociologismo, a História para o historicismo. Ora, com isto, elas acabavam por erradicar seus próprios fundamentos. Com efeito, se os pensamentos e os princípios orientadores do espírito nada mais são que o resultado momentâneo da atuação de causas exteriores, as razões pelas quais afirmo qualquer coisa não constituem, na realidade, as verdadeiras razões de minha afirmação. Esta possui menos razões do que causas determináveis do exterior. Segue-se que os postulados do psicólogo, do sociólogo ou do historiador, são cunhados de dúvida, em virtude do resultado mesmo de suas pesquisas [Merleau-Ponty, 1973, pp.15-16].

E essa concepção significava o fim da Filosofia:

Quanto à Filosofia, em tais condições, perdia qualquer espécie de justificações. Como pretender ainda que o filósofo detenha verdades e verdades eternas, se é manifesto que as diferentes Filosofias, inseridas no quadro psicológico, social e histórico ao qual pertencem, não passem de expressões destas causas exteriores? Para que o filósofo possa professar a Filosofia, fazer uma distinção entre o verdadeiro e o falso, é mister que seus enunciados expressem, não quaisquer condições naturais ou históricas que lhe sejam exteriores, mas um contato direto e interior do espírito com o espírito, uma verdade “intrínseca” aparentemente impossível, justamente porque o desenvolvimento das pesquisas ao domínio das Ciências do homem a cada instante demonstra que, ao contrário, o espírito é exteriormente controlado. (Merleau-Ponty, 1973, p. 16)

A forma empirista de pensar leva ao questionamento sobre o ser da verdade, da lógica e da própria razão, que passam a ser produtos de condições exteriores. Portanto coloca em

questão e impossibilita o ideal racional da objetividade das Ciências, que afirma que uma verdade é uma verdade porque corresponde à realidade das coisas.

Esse questionamento conduz a um ceticismo, isto é, a uma concepção da incapacidade da razão em conhecer a verdade da realidade e, por isso, deve-se renunciar à busca da verdade, o que estende a crise às demais Ciências.

Mas Husserl observa que esse ceticismo se esvai, ao não conseguir superar uma contradição inerente ao empirismo, no qual se baseia. O postulado central do empirismo diz da experiência ser a única fonte de verdade para todo o conhecimento. Mas, não há como atribuir a validade dessa afirmação à experiência, pois é impossível uma experiência que trata apenas do singular e do contingente dar conta da universalidade contida no postulado.

Husserl procura, então, mostrar que a Filosofia e as Ciências são possíveis.

No desejo de atingir o seu ideal de fundamentação rigorosa da Filosofia, ao propor uma reflexão sobre o conhecimento, ao procurar refutar os princípios do psicologismo, Husserl, depois de percorrer um certo caminho na busca de atingir esses objetivos, propõe um método de estudo descritivo, baseado na intencionalidade da consciência. Para Husserl, a consciência é em essência, intencionalidade, por ser ela um se voltar *atentivamente para*, um dirigir um *olhar atento* do sujeito para o objeto, e, para ele, fenômeno é aquilo que aparece, que se manifesta à consciência. Daí a denominação Fenomenologia como estudo do fenômeno. A Fenomenologia é, então, *um estudo que reúne os diferentes modos de aparecer do fenômeno ou o discurso que expõe a inteligibilidade em que o sentido do fenômeno é articulado* (Bicudo, 1999, p.14).

A Fenomenologia busca, então, efetuar um contato direto com o ser das coisas, isto é, com o fenômeno, e para isso se fundamenta num *ir-às-coisas-mesmas*:

Para alcançar a fundamentação da filosofia como ciência do rigor é mister partir daquilo que se encontra antes de todos os pontos-de-vista; partir do conjunto da realidade que se apresenta à intuição de todo pensamento construtivo de teorias; partir daquilo que se pode ver e alcançar diretamente quando o pensador não se deixa deslumbrar por preconceitos, nem desviar do objeto em-si, do verdadeiro dado. Orienta-se para as próprias coisas, interroga as próprias coisas na sua própria maneira de se oferecerem ao pensador, deixando de lado os preconceitos que são necessariamente alheios à própria coisa. São essas as exigências fundamentais e primordiais da fenomenologia. (Giles, 1975, p. 133)

Assim, Giles ajuda a responder a questão do livre de pressupostos. Entendo, então, que *livre de pressupostos* é o que é necessário para que se fundamente rigorosamente a pesquisa fenomenológica, é partir daquilo que se encontrava antes de todos os pontos de vista, é orientar-se para as próprias coisas, interrogar as próprias coisas na sua própria maneira que se oferecem ao pesquisador, deixando de lado os preconceitos que são necessariamente alheios à própria coisa.

Mas visar ao absoluto das coisas é visar ao essencial das coisas tal como se apresentam em suas realidades. Para Husserl só o *ir-às-coisas-mesmas* nos possibilita alcançar, com evidência e certeza, a própria essência das coisas, suas estruturas lógicas necessárias.

Merleau-Ponty usa a expressão “denegação da Ciência” para nomear o momento de afastamento das explicações científicas. Há sempre um pré-reflexivo, um antepredicativo, no qual devemos mergulhar e sobre o qual se apóia a Ciência mas que ela, indagada sobre o seu ser, escamoteia, desvaloriza. A Fenomenologia, que busca a fundamentação rigorosa da Ciência, propõe, para isso, um momento de fuga das explicações dela bem como fixar o olhar no fenômeno, o dado da consciência.

Dessa forma a Fenomenologia requer um novo entendimento de realidade:

Sendo fenômeno assim compreendido, realidade, então, já não é tida como algo objetivo e passível de ser explicado em termos de um conhecimento que privilegia explicações da mesma em termos de causa e efeito. A realidade, porém, o que é, emerge da intencionalidade da consciência voltada para o

fenômeno. (...) A realidade é o compreendido, o interpretado e o comunicado.
(Bicudo, 1994, p. 18)

Nesse modo de conceber a realidade, vemos a coexistência de aspectos subjetivos e objetivos. *Noesis*, que se refere ao aspecto subjetivo, é a atividade da consciência na experiência vivida e a atividade intelectual da interpretação e comunicação. *Noema*, que se refere ao objetivo, é o produto da vivência, não é o próprio objeto, mas o complexo de predicados dele.

Assim, a descrição, a mais fiel possível da realidade percebida, requer uma reflexão sobre o vivido, o realizado. Requer um movimento que parte do *Noema* para o *Noesis*, isto é, requer dar um passo atrás e olhar a experiência vivida, para perceber como e por que vimos o que vimos. Na busca da crítica do conhecimento, transcendemos a própria experiência que o possibilitou. Esse é o sentido de transcendência da Fenomenologia.

O *ir-às-coisas-mesmas* e a *reflexão* são necessários para a descrição rigorosa da realidade percebida e para a compreensão da essência do fenômeno. Mas o que é essência?

Essência ou *eidós*, como denominam alguns autores, é a estrutura lógica necessária, o característico do objeto, o seu feixe permanente de predicados e sem os quais o objeto não seria ele mesmo. É aquilo que a própria coisa se me revela numa doação originária e que é alcançada por uma intuição *eidética*.

Para Husserl a intuição *eidética* tem por objeto primordial o necessário e o universal, ou seja, é a capacidade intelectual do sujeito de compreender e interpretar a essência a partir dos dados da consciência, ou seja, da percepção do fenômeno.

A intuição (visão) *eidética*, da essência, é a apreensão intelectual direta e imediata de significações características do fenômeno ao *ir-às-coisas-mesmas*:

A visão das essências ou “Wesenschau” é, para Husserl justamente às explicitações do sentido ou da essência à que a consciência visa e para a qual se acha orientada. Nas Ideem, Husserl afirma não ser necessário procurar um sentido místico nem platônico à palavra “Wesenschau”. Visão das essências não significa, para ele, o uso de uma faculdade supra-sensível totalmente estranha à nossa experiência e que, conseqüentemente, só se exerceria em condições excepcionais. A “Wesenschau”, afirma, é constante até mesmo na vida mais conforme à atitude natural. A visão das essências baseia-se simplesmente na possibilidade de distinguir, em nossa experiência, o fato de vivê-la e aquilo que através dela vivemos (Merleau-Ponty, 1973, p.28).

A intuição *eidética* é, pois, a possibilidade de um conhecimento válido para todos:

Enquanto experiência e enquanto a essência é apreensível através da experiência vivida, a “Wesenschau” será um conhecimento concreto; mas, por outro lado, enquanto apreendo através das minhas experiências concretas mais que um fato contingente, uma estrutura inteligível que se me impõe sempre que penso no objeto intencional de que se trata, obtendo por ela um conhecimento, não me limito a uma particularidade qualquer de minha vida individual, alcançando um saber válido para todos.

Ultrapasso minha singularidade na medida em que minha consciência não é apenas uma série de fatos ou de acontecimentos e que todos estes acontecimentos têm um sentido. A intuição das essências consiste simplesmente em reconquistar este sentido não ainda tematizado na vida espontânea. (Merleau-Ponty, 1973, pp. 28-29)

Assim, Merleau-Ponty ajuda a responder a questão da intuição das essências. Entendo, então, que na pesquisa fenomenológica a intuição das essências consiste em reconquistar o sentido não ainda tematizado das experiências vividas, é alcançar um conhecimento, uma

estrutura intelegível, a explicitação do sentido do que é característico do fenômeno intencionado.

A intuição da essência é fundamento para a compreensão e interpretação da realidade. Na busca da descrição rigorosa dessa realidade vivida está implícita a concepção de verdade da Fenomenologia.

Para o fenomenólogo não é central a veracidade dos juízos, como para o lógico; nem a formulação de conceitos que representam adequadamente a verdade objetiva das coisas, preocupação do cientista natural. Para o fenomenólogo, fundamental é a busca de significações daquilo que se doa à nossa consciência. A verdade é a evidência; é o que se pode dizer da experiência de viver esta verdade. Não se trata, como na Ciência natural, de formular afirmações sobre um objeto externo ao sujeito, à partir de justificativas empíricas, mas, de examinar e até justificar estas afirmações. Esta verdade *fenomenológica* é que deverá fundamentar rigorosamente a verdade *natural*.

Mas, então, como fica a verdade? Não a concebendo como algo objetivamente dado, passível de ser conhecida intelectualmente através de conceitos que a representam de modo adequado – verdade entendida como significando adequação, a fenomenologia interpreta verdade como desocultamento, como aletheia, significando “mostração” do que é essencial ao fenômeno. (Bicudo, 1994, p. 20)

Mas, se esta é a verdade, o que é então o rigor? O inacabamento da Fenomenologia e a dificuldade de uma definição objetiva, têm, em parte, origem em quem iniciou este movimento. Tanto na tese de doutorado – Contribuição à Teoria do Cálculo das Variações, como nas obras: Sobre o Conceito do Número e A Filosofia da Aritmética, Husserl se empenhou no problema da fundamentação da Matemática, propondo-se como fim uma construção radicalmente rigorosa das bases da própria Matemática. Assim, os estudos matemáticos influenciaram Husserl na exigência da exatidão, do rigor. Ele próprio se torna crítico de suas ações e descobertas, na busca da maior clareza. Por isso, Husserl não propõe um sistema acabado, já que a Fenomenologia, coerentemente, deve tomar os seus termos e conceitos como fenômenos e desvelá-los, o que proporcionará interpretações sempre mais novas, portanto, novas interpretações,...

A Ciência positivista caracteriza-se por explicar fatos já conhecidos e a orientar o que pode ser perguntado sobre o ainda não conhecido e de como o perguntado pode ser respondido. A essência dessa orientação é o padrão de rigor imposto para suas pesquisas, padrão de rigor colocado, principalmente, em termos de objetividade (procedimentos, que geralmente envolvem quantificações, para garantir a *exatidão* das afirmações emitidas) e neutralidade (separação do pesquisador do objeto de pesquisa e da análise que efetua).

A pesquisa fenomenológica também é rigorosa. Ao se expressar sobre isso, Bicudo ajuda a responder a questão do rigor das pesquisas fenomenológicas:

A fenomenologia também é um pensar a realidade de modo rigoroso. O seu rigor é o modo rigoroso como se age para atingir esse pensar. Ao tomar objeto como objeto percebido por uma consciência intencional, o pensar fenomenológico tem procedimentos de pesquisa que são inseparáveis do pesquisador. Assim, ao contrário da ciência positivista a fenomenologia tem por meta ir-à-coisa-mesma tal como ela se manifesta, prescindindo de pressupostos teóricos e de um método de investigação que, por si, conduza à verdade (Bicudo, 2000, p. 71).

Ao conceituar diferentemente rigor e verdade, a Fenomenologia não se propõe a desempenhar o papel das Ciências positivistas, nem supõe ser quem dá a palavra final sobre o conhecimento, mas coloca-se como a introdução necessária ao conhecimento; ela permite a passagem da facticidade contingente do objeto ao seu entendimento e formulação conceitual.

O rigor se impõe em cada momento do fazer fenomenológico, no caminhar que pretende descrever, interpretar e comunicar o percebido e no atender às exigências fundamentais e primordiais da Fenomenologia. As exigências fundamentais e primordiais da Fenomenologia podem ser sintetizadas como procedimentos fenomenológicos, cuja característica é a redução *eidética*:

A fenomenologia é, simultaneamente, um “método” e uma “maneira de ver”. Ambos se encontram estreitamente relacionados, porquanto o método se constitui mediante uma maneira de ver e esta é possibilitada pelo método. (Mora, 2001, p. 291)

O método *eidético* descritivo, da Fenomenologia, não pode ser confundido com o das Ciências naturais. Ele não é dedutivo nem empírico, pois não deduz fundamentado em princípios e nem formula explicações baseadas em leis, que são, elas próprias, deduzidas ao se seguir rigorosamente métodos comumente utilizados nas Ciências naturais. No método fenomenológico, o pesquisador objetiva a visão de essências do que é dado em sua consciência, isto é, dos fenômenos; busca refletir sobre essas essências e interpretá-las.

Este método é centrado na redução fenomenológica, que por objetivar as essências é denominado de *eidética*, a qual foi a grande questão para Husserl. A ela, ele dedicou mais tempo, tendo a essa questão retornado várias vezes.

No início, ele deu à redução uma conotação negativa, a suspensão da existência factual das coisas, por pressupor que a existência é separável do sentindo das coisas e que ela própria seria passível de dúvida.

O instrumento desta suspensão é denominado *époché* e nos seus textos Husserl utiliza, indistintamente, os termos redução e *époché*. Segundo o ceticismo clássico, *époché* significa suspensão de juízo pela impossibilidade de se decidir sobre a validade de doutrinas opostas acerca de algo, mas para Husserl, *époché* é um instrumento de depuração necessária para a reflexão em busca de evidências apodíticas:

A redução era então, e até depois de certo tempo, interpretada como um retorno à consciência transcendental, onde basta a consciência para dar significação ao mundo, independente de qual sujeito ela é consciência, inexistindo a questão do outro, da intersubjetividade.

Posteriormente, Husserl submete à redução esta própria tese racionalista de a consciência ser tomada como representação. Esta tese é então superada e o pensamento de Husserl evolui para a noção de intencionalidade como o característico da consciência, o que leva a uma conotação positiva da redução: o filósofo deve *ir-à-coisa-mesma*, imergir nela, como aparece antes das afirmações da Filosofia e das Ciências e deixar que a própria coisa se manifeste à consciência intencional.

Vivemos habitualmente no mundo de maneira natural, nos dirigindo para a realidade exterior e aceitando espontaneamente as afirmações e juízo formulados sobre elas, particularmente pelas Ciências que estudam esta realidade. Mas, o filósofo que procura a evidência apodítica, não pode ter como objeto a coisa exterior e partir do que se afirma sobre ela, mas recuar até a imanência que determina este ser das coisas como a ele se apresenta. Esta posição natural do mundo deve ser então colocada em suspensão, colocada entre parênteses. Faz-se uma redução do mundo. Esse mundo reduzido torna-se o objeto de análise e reflexão, o dado que se doa para a explicitação de interpretações e significações.

A redução fenomenológica passa, então, a ser uma operação que permite ir da vivência do objeto à sua essência, enfocando para isso *à-coisa-mesma*, olhando-a como se apresenta ao nosso olhar interrogativo, suspendendo, pela *époché*, os juízos sobre o fenômeno que se doa a nossa consciência.

Já não cabe, portanto, a interpretação do caminho cartesiano da redução, como um retorno à consciência transcendental. A representação do mundo é substituída por um *ir-à-coisa-mesma*; a questão do *Outro* não é ignorada por Husserl, mas é uma preocupação constante. Também a meta da Filosofia proposta por ele não era simplesmente o conhecimento

das essências dos objetos do mundo, mas entendia Husserl que este conhecimento era necessário para se compreender o nosso engajamento no mundo:

E que a filosofia... precisa dessa idealidade para conhecer e conquistar sua facticidade. (Merleau-Ponty, 1996, p.12)

Essa questão do *Outro* e a discussão sobre a verdade não como adequação do pensamento e do objeto, mas como experiência vivida da verdade – a evidência – levam Husserl à Filosofia do *Lebenswelt*, do mundo-vida, mundo em que estamos sempre situados, vivenciando o tempo e o espaço, junto com os outros, vivendo a verdade das experiências diretamente percebidas, expressando-as pela linguagem.

Merleau-Ponty, ao dizer do mundo-vida ressalta a questão do outro:

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências com as do outro, pela engrenagem de uma nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha. (Merleau-Ponty, 1996, p. 18).

O filósofo, ao viver e ao procurar compreender a verdadeira (essencial) significação dos fatos de sua vida, deve colocar em suspensão exatamente as afirmações sobre os dados desse viver. Mas estando no mundo, e esse é um fato irrefutável, suspender é tomado então, não no sentido de negar essas afirmações, o que poderia ser entendido como um negar o estar-aí-no-mundo do filósofo, mas, ao contrário, é exatamente estar consciente, estar atento desse estar aí. Nesse sentido é necessária uma reflexão radical que possa revelar, colocando em suspensão, as afirmações estabelecidas pelas condições exteriores:

Suspendê-las, porém, não é negá-las, e, mesmo ainda, negar o vínculo que nos liga ao mundo físico, social e cultural; ao contrário, é vê-lo e ser dele consciente. É a “redução fenomenológica” e somente ela quem revela esta incessante e implícita afirmação, esta “tese de mundo” que sustenta cada um dos membros de nosso pensamento... Entretanto, este esforço não desfaz para sempre os laços com o mundo físico e mental, olhamos estas teses espontâneas “Ohne Mitzumachen” sem efetuá-las por nossa conta no mesmo momento, mas esta é a condição de todo pensamento que se pretenda verdadeiro, e Husserl, no final de sua carreira, admitia que o primeiro resultado da reflexão é remeter-nos em presença do mundo tal como o vivemos antes da reflexão (“Lebenswelt”). (Merleau-Ponty, 1973, pp. 22-23).

Merleau-Ponty considera o retorno ao mundo-vida, a maior contribuição de Husserl e a toma como base de sua Filosofia existencialista, pois se a Fenomenologia é o estudo das essências, ele recoloca estas essências na existência.

O mundo existe e nele estou instalado com o meu corpo-próprio (corpo-vivido) e com este corpo mantenho com o mundo uma relação pré-predicativa, pré-objetiva, anterior a qualquer afirmação científica; por ele percebo e portanto dou um sentido aos fatos da vida:

Para Merleau-Ponty, o corpo vivido é o corpo com movimento intencional, “origem zero” de um ponto de vista que dá uma determinada orientação ao sistema de experiência da pessoa. É o corpo que percebe, que se presentifica na ação e na manifestação do percebido pela fala. É o corpo que se expõe, que é “presença” e que se estende ao outro, ao mesmo tempo em que acolhe a presença do outro em si, na perspectiva do seu olhar e na do seu modo de sentir...

O corpo vivido é o ponto de convergência da ação educadora, do movimento da intencionalidade, do sentido que o mundo faz para si, e o ponto zero que,

de sua perspectiva, se estende para o outro, para o mundo e para si próprio, ao mesmo tempo em que mundo e o outro nele estão presentes, constituindo a intersubjetividade. É nessa dimensão da realidade que a Ciência se edifica. (Bicudo, 1998, p. 21)

Como sujeito intencional estou aberto ao mundo que se doa à minha percepção, sendo, então, o mundo o verdadeiro transcendental, fonte de todas as significações para mim e para o outro que está comigo existindo nele. A redução mostra o mundo como ele é, em sua essencialidade. Essa transcendência do mundo permite-me descrevê-lo, interpretá-lo e comunicar-me, pela linguagem, com o outro sobre os fatos mundanos, o que corporifica a intersubjetividade, permitindo-nos alcançar significações desses fatos e do mundo.

O método fenomenológico almeja a descrição dos objetos percebidos. Este método é assentado no *ir-às-coisas-mesmas*, na nossa abertura, pela intencionalidade, ao mundo-vida onde existimos, onde somos com os outros. Buscamos pelas descrições, as quais possibilitarão significações a serem construídas pela intercomunicação entre as pessoas, intercomunicação possível, pois todos temos, como mesmo pano de fundo, esse mundo-vida.

CONCLUSÃO

A vivência da pesquisa me apontou a necessidade e a possibilidade de uma compreensão da pesquisa fenomenológica. Parte dessa compreensão está relatada nessa articulação que apresentei. Articulação esta que me permite finalizar este trabalho com a expressão do meu entendimento sobre a questão da pesquisa fundamentada na Fenomenologia.

Entendo, então, que fundamentar a pesquisa na Fenomenologia é, impulsionado por uma interrogação formulada por mim e fruto da intencionalidade, *ir-à-coisa-mesma*, lançar ao mundo um olhar atento, na ânsia de desvelar o que inquieta o meu espírito, o fenômeno de meu interesse; é, assim, entranhar-me com o mundo onde já estou, buscando perceber os dados que se me doam e falam do intencionado; é um afastar-me do que é pressuposto sobre o fenômeno; é um *colocar em suspensão*, para debruçar-me apenas sobre ele, buscando alcançar os seus predicados essenciais, visando à descrever sua estrutura geral.

Essa forma de pesquisa é, também, efetuar uma reflexão *noemática*, retornando à interrogação e, à sua luz, voltar sobre o já realizado; refletir sobre os dados obtidos e seus sentidos ao se interrogar o fenômeno de alguma perspectiva, o que possibilitará novas perspectivas e portanto novas significações.

Palavras-chaves: Fenomenologia – Pesquisa – Fundamentação

BIBLIOGRAFIA:

- Bicudo, M.A.V. *Sobre a Fenomenologia*. In: Bicudo, M.A.V., Espósito, V. H. C. (orgs). *Pesquisa qualitativa em educação*. Piracicaba, UNIMEP, 1994.
- _____. *O Papel do Educador*. In: Nuances, vol. IV, 1998, In: Nuances: revista do Curso de Pedagogia, vol. IV, pp 20 a 24. Campus de Presidente Prudente, Unesp, 1998.
- _____. *A contribuição da fenomenologia à educação*. In: Bicudo, M.A.V., Cappelletti, I.F. (orgs.). *Fenomenologia: Uma visão abrangente da educação*. São Paulo, Olho d'água, 1999.
- _____. *Fenomenologia: Confrontos e avanços*. São Paulo, Cortez, 2000.
- Hiratsuka, P.I. *A vivência da experiência da mudança da prática de ensino de Matemática*. Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Unesp, 2003. Tese de Doutorado.
- Giles, T.R. *Histórias do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo, Edusp, 1975.
- Merleau-Ponty, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- _____. *Ciência do Homem e Fenomenologia*. São Paulo, Saraiva, 1973.
- Mora, J.F. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

Paulo Isamo Hiratsuka
pauloih@fqm.feis.unesp.br